

## MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO

### Texto 1

*Francisco CLODE SOUSA*

O esgotamento de um modelo tradicional, que condicionou os campos da museologia, tende hoje, inexoravelmente a afirmar-se.

A Museologia e o Museu tradicional, se é que se pode falar de "tradição", construíram sobre a sociedade uma organização conceptual, plena de informação, num frenezim constante para tipificar e arrumar correntes, civilizações, programar o futuro, pela construção de modelos.

Este fenómeno acumulativo, tem levado até certo ponto, a uma preservação dos conceitos, pela disponibilização de meios técnicos, que fazem harmonizar acessos a uma informação, que anula diferenças, e mais do que isso, banaliza os problemas da sociedade à beira do século XXI.

Equacionada sobre esta ânsia acumulativa, pode hoje falar-se numa sobreacumulação de informações, em cemitérios de tecnologia informativa, à espera de utilizações impossíveis, num afastamento progressivo do homem, contextualizado pela sociedade, na percepção dos seus problemas, resultado das dificuldades crescentes em comunicar, pela rigidez insuportável dos códigos, e messianismo dos critérios.

Todos sabemos como vai o Mundo "através da média", isto é, ninguém conhece realmente o que se passa, o que não sai na televisão, ou nos circuitos especializados da informação, não existe para nós... . Das realidades fizemos próteses.

As dificuldades crescentes do "terceiro mundo", em gerir informação que lhe era estranha, fez aparecer mais cedo do que no "primeiro mundo", o problema da aferição dos códigos de informação à sociedade, e as dificuldades crescentes em construir modelos para comunicar.

O equacionamento de novos referentes sociais têm ao longo da segunda metade do século, sido várias vezes posta, com crescente actualidade, na busca por exemplo, da construção de novos veículos de comunicação.

Neste processo, lembremos aqui alguns momentos, em que estes novos problemas se puseram.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, organizada pelo ICOM (Concelho Mundial dos Museus) a pedido da Unesco, dava a continuidade a outras reuniões, como as de Nova-Deli e de Bagdad, reunidas nos anos 60.

Para a fixação dos problemas da museologia, pediu-se aos museólogos que se encontrassem com não-museólogos, clarificando conceitos, na busca de princípios que levassem o Museu para além do seu quadro tradicional.

Desse encontro saíu uma Declaração, que revela necessidades e problemas, dificilmente detectáveis se os Museus tivessem mantido uma atitude sobranceira em relação à sociedade.

Situados à partida no "terceiro mundo", os problemas da Museologia, são muito mais gerais do que se pensava, e o que primeiro se sentiu nestas partes da terra, está também presente do outro lado, sendo a raiz das dificuldades, comum: desajuste entre as necessidades e os códigos de comunicação do Museu e os da sociedade.

Nos considerandos afirma-se: (...) "A técnica permitiu à civilização material a concretização de gigantescos progressos, sem equivalentes no domínio cultural (...).

Que: (...) "Os problemas que se põem ao progresso das sociedades no mundo contemporâneo devem ser equacionados de forma global e serem vistos nos seus múltiplos aspectos."

Que "a escolha das soluções a adoptar e a sua aplicação não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigindo que todos os sectores da sociedade participem desse processo".

Mais se afirma que: "o Museu é uma instituição ao serviço da sociedade, sendo dela parte integrante, permitindo-lhe participar na formação da consciência das comunidades" (...) "situando a sua acção num quadro histórico permitindo esclarecer os problemas actuais".

Na construção de novos pressupostos e na abertura a novas estruturas para rentabilizar a sua acção: (...) "abertura do museu as disciplinas fora do seu domínio tradicional". (...)

Sugere-se à partida a construção de um novo sentido para a comunicação, na criação de novos instrumentos: (...) "que as técnicas museográficas tradicionais devem ser modernizadas a fim de permitir uma melhor comunicação" (...)

Mais se afirma a necessidade dos Museus: (...) "estimulem o desenvolvimento tecnológico, tendo em conta a situação actual da comunidade (...)", assim como o "(...) emprego dos Museus na difusão dos progressos realizados nesses domínios.(...)"

No entendimento de um novo sentido para comunicação e o posicionamento do Museu nesse processo, reconhece-se ainda a importância do Museu" (...) como agente incomparável de educação permanente da comunidade(...)". Para poder desenvolver esse papel procura listar-se alguns meios a incentivar: "A criação de serviços educativos (...) permitindo-lhe agir dentro e fora do Museu, a existência de uma política nacional de ensino, incentivo à utilização de meios audio visuais, o primado da descentralização, a existência de programas da informação, etc.

Como recomendações finais a Mesa Redonda de Santiago do Chile adianta a necessidade de reequacionar, definir e lançar uma nova concepção de acção dos Museus, na criação do Museu integral.

A Declaração de Santiago, ponto de fixação de propostas em amadurecimento, reconhece antes de mais a necessidade de reajustar o papel do Museu face à sociedade contemporânea.

A passividade que havia caracterizado a Museologia tradicional, fez arrastar o Museu, na difusão de imagens tipo que o caracterizaram, para longe da vida.

Definindo campos específicos de actuação, congelando a História, estruturando lugares de acção interna e externa, organizou-se para esclarecer, não para problematizar, afastando a sociedade da "construção" de si.

Instituições à partida ligadas a arquétipos como edifícios de arquitectura quase sempre clássica - naquilo que em cada região quis dizer classicismo, criou públicos que só tinham direito a assistir ao espectáculo.

O desassossego só se instala, quando cada vez mais se assiste à inutilização destes pressupostos, pelo esvaziamento destas organizações, sobreviventes, apenas quando se intensificam campanhas de "marketing".

Preso a lógicas de natureza elitista, e nela às ciências do património, não soube converter-se pela percepção de outros campos do conhecimento, na reequação dos seus processos de comunicação.

A busca de um novo sentido do Museu passa, e se recordarmos Hughes de Varine, como nos afirmou no Iº Encontro da Nova Museologia no Quebec em 1984, pela necessidade: "(...) de fazer apelo a especialistas de outras disciplinas, particularmente daquelas que tratam do presente e do futuro das sociedades (...), na medida em que o, (...) "público é em primeiro lugar a própria população; os melhores modelos são aqueles que são elaborados pelos próprios interessados e os especialistas exteriores são, no melhor dos casos, inúteis e, no pior, perigosos".

Hughes de Varine, levanta no seu documento "La participation de la population", nas III jornadas sobre a função social do Museu, no Monte Redondo, Vilarinho das Furnas, em Portugal, 1990, a preocupação de George Henri Rivière, sobre a "fadiga dos Museus", na certeza de que a criação de novos conceitos sobre a gestão e espaços e condicionantes museográficas são o cerne do problema.

Varine lança a possibilidade, do problema ser bem mais profundo. Reconhece o esgotamento progressivo de um modelo que, revertia a própria presença dos objectos museológicos perante outros apelos informativos.

A mudança de conceitos, como a passagem do Museu, lugar de despejo de públicos, para projecto que diz respeito a uma população, a uma comunidade, tende a rever os modelos teóricos sobre as referências dos Museus, e a presença da população, de uma comunidade num "Museu-enquanto-processo", introduz a possibilidade do agenciamento de novos circuitos, de um novo entendimento dos códigos de comunicação.

A construção dinâmica do museu novo, deve assim assumir-se como processo que diz respeito a uma comunidade, que definirá a melhor forma de se afirmar.

Afirmção aqui entendida como forma a construir, não propriamente na revisão do conceito de Museu na sociedade contemporânea, e da invenção ou conversão de novas formas de comunicação na construção do presente e do futuro.

Se a sociedade contemporânea trouxe o primado da informação, ela deve ser entendida, antes de mais, pela forma e sentido como é veiculada, na certeza que o poder de decisão se remete para a comunidade que a incorpora.

Para além da "Declaração de Santiago do Chile", um outro documento, saído do Seminário "La Mision del Museo en Latino America hoy: nuevos retos", realizado pelo ICOM, em Janeiro

de 1992, em Caracas, Venezuela, põe à nossa disposição alguns dos princípios e desafios fundamentais do Museu contemporâneo.

Baseada na observância da maioria dos problemas levantados vinte anos antes em Santiago do Chile, como o reconhecimento do êxito de algumas experiências que visem: (...) "transformar o Museu num organismo vital para a comunidade e um instrumento eficaz de desenvolvimento integral".

A aceleração do processo histórico, o fim de barreiras políticas e ideológicas julgadas intransponíveis, o acentuar das clivagens entre os vários mundos económicos, o desenvolvimento impensável da ciência e da tecnologia, trouxe consigo o estigma da "sociedade da comunicação" pelo aproximar das distâncias que fez acelerar a standartização cultural, pela difusão de paradigmas, perante os meios tecnológicos, que elegeram a realidade virtual, como processo de informação intercontinental.

Não faz assim sentido, o Museu manter uma atitude passiva, perante a aceleração da história, e talvez por isso, um dos pressupostos, ou reptos, do papel do Museu na sociedade contemporânea levantada em Caracas seja precisamente "Museu e Comunicação".

Os declarantes de Caracas afirmam que: "(...) a função museológica é fundamentalmente, um processo de comunicação, na acepção de que o seu papel ultrapassa largamente o seu estatuto tradicional, enquanto fonte de informação ou instrumento de educação, mas sobretudo a sua definição enquanto espaços e meios de comunicação, num processo interactivo da própria comunidade, que o elege como instrumento e não como fim.

Assim deve antes demais constatar-se que o museu como instrumento de comunicação, equaciona problemas, com referências a objectos ou ideias e que essas mensagens, são à partida próximas a uma linguagem não verbal. É que o primado da linguagem verbal, cerceia outros campos de intervenção.

Se a comunicação pressupõe a interacção de dois pólos, a liberdade de construção dos códigos ou linguagens, que definem essa comunicação, devem ser à partida um processo livremente escolhido pelo homem enquanto ser social.

Espaço de comunicação, o Museu não deve intentar na elaboração de códigos de comunicação que se encontrem desenquadrados com a realidade social em que estão integrados, na certeza de que um processo de comunicação não é unidireccional, mas interactivo, dificultando acções de manipulação ou controlo.

Na declaração de Caracas, toma-se consciência de uma das dificuldades de empreender a comunicação como processo interactivo, pelo desajustamento entre as linguagens e os códigos do Museu e os da população, não tendo na maioria dos casos consciência do seu enorme potencial de comunicação se reelaborados, na sua aproximação ao que mais interessa às populações.

Se se aceitar a importância do museu, enquanto integrada num processo educativo do indivíduo, deve compreender-se a variedade dos campos que constituem as acções educativas,

na constatação da urgência em abarcar os campos da educação não formal, participativa, interactiva, que ponha em evidência a criatividade.

Como recomendações saíram do encontro de Caracas, a percepção mais aprofundada do papel do Museu como meio privilegiado de comunicação, sobretudo como assumir-se num espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com a sua própria identidade, na construção interactiva de processos de comunicação, suficientemente versáteis, que sejam eles mesmos reflexo da enorme diversidade do homem.

Que se assuma o Museu como portador de potencialidades comunicacionais e como portador de linguagens e métodos que lhe sejam próprios.

O apelo à interdisciplinidade, e a passagem dos museus do ghetto da Cultura, para o conjunto da actividade humana, pode fazer entrar para a museologia novas capacidades até então desprezadas.

Se a aceleração do mundo contemporâneo é uma constante cada vez mais visível, o Museu como processo interactivo, deve focar as suas prioridades no presente e no futuro, na certeza de que com a construção de novas linguagens e códigos, deve situar-se como instrumento privilegiado de comunicação, posto à disposição da sociedade, enquanto construção criativa.

Assim o agenciamento dos instrumentos postos à disposição dos homens, integrados numa determinada comunidade, se colocados de forma correcta, servem de veículo de accionamento de comunicação, entendida como processo, e não como resultado a fixar.

Contrariando a polarização e dirigismo, assumidos pelos meios de comunicação contemporâneos, pela força de avanços tecnológicos e códigos simplistas de referências, o Museu deve situar-se como ponto de encontro, como processo crítico de auto-identificação de homens, na construção de uma comunidade, em que se integram.

O problema da standartização dos padrões culturais, posto em afirmação pela construção dos preconceitos e formas de conduta, sente-se pela criação cada vez mais acentuada, de referentes tecnológicos que nos levam a uma realidade virtual, desenraizadora.

As tecnologias e os instrumentos científicos postas à disposição do Museu, devem ser equacionados de forma a permitirem a valorização das experiências e não como tirania, na circulação de informação, onde o homem não tem voz activa como criador, mas apenas enquanto elemento onde também circulam mensagens, que ele não controla.

À beira do século XXI, o papel do Museu, deve equacionar-se, perante a observância de tantos exemplos de total desajuste entre a comunidade em que se encontra e os seus objectivos, não tanto na descoberta de mais um meio de angariar públicos, mas na reflexão da sua posição enquanto instrumento posto à disposição de uma comunidade que delimitou o seu próprio território.

A criação de novos meios de comunicação passa então pela recuperação de poderosos processos que se estendem para além da palavra, na conversão dos circuitos de informação, e na

constatação que a circulação de informação, ela mesma, é um processo em construção, que resultará na invenção constante das formas de comunicação contemporânea.

Se os circuitos tradicionais de interação do Museu com a sociedade, construíam-se por uma ordem de causa e efeitos, a criação de novos pressupostos de construção do Museu, como processo de homens de uma determinada comunidade num determinado território, passa obrigatoriamente pela conversão dos impulsos. que de causa e efeitos, se assumirão como permanentes causas e efeitos, onde se agencia a própria comunidade.

O Museu enquanto memória, vive de ausências, de desenquadramentos entre a população e as suas urgências, no tempo e no espaço.

O Museu como processo de construção do presente e do futuro, enquadra o homem como ser inteligente e criador capaz de reconhecer-se no seu próprio dinamismo.

Ao longo do século XX as concepções de espaço, as noções de território e de poder, a organização da memória, o sistema da "verdade", a casuística do bem e do mal, adquiriram por construção tal robustez, que só agora no fim do século nos atrevemos a tentar desconstruir, na certeza de que agora seremos corresponsáveis também de todas as derrotas.

Hoje deve assumir-se que a construção do Museu enquanto processo de comunicação, deixou de entender a reconstituição da memória e o primado da memória cultural, como estratégia inevitável, por via de linguagens de sentido único.

Se o Museu tradicional, sempre temeu, desprezando as tecnologias, e se constituiu como reserva onde está assegurada a sua ausência, mais não tem feito do que construir robots, em que o "hardware" destrói, esmagando o "software".

A descoberta de novos meios e formas de comunicação, do Museu na sociedade trará obrigatoriamente a dimensão do homem como autor, e o do Museu como instrumento de trabalho.

O assunto - disse Roland Barthes - não é senão um efeito de linguagem. A sua operacionalidade, ou utilidade só se põe se se der aos homens a capacidade de gerir a sua oportunidade.

A entrada em cena, da intromissão das populações na definição dos modelos de comunicação, trará consigo, o dinamismo, o empenhamento, e aceitação do papel dos museus como espaços de comunicação, se a entendermos como forma em construção e poderosos instrumento para a criatividade.